

OMGOSOMMO

REDACÇÃO, 70 RUA DO OUIDOR 70

NÃO HA GOSTO SEM DESGOSTO



QUANDO APARECEU O ASTRO
REFULGENTE PARA
CA DO PAO D'ASSUGAR

QUANDO APAREGERAM AS NOTICIAS ELEITORAES DA BAHIA E FICOU GRANDE.

Lith: Valente Rua do Hospicio 101.

EXPEDIENTE

Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, que nos foram graciosamente enviados :

AO SR JÃO R. DUARTE — o seu projecto para o *Monumento do Ypiranga*, com a competente photographia. Com franqueza, está hem bonito... para barraca do Divino na feira do Campo.

AO SR SERAFIM J. ALVES — *O Architecto das moças*, comedia em 1 acto, traição do Sr F. Guimarães.

SR A. M.—Não diziamos nós? Ora diga a verdade, já viu alguma vez cousa mais tola do que os seus *Phantasma*? (.)

SR DOS 36 NOMES — Os seus numerosos appellidos (não leia a *pedidos*) dão-lhe uns ares de fidalgo de meia tigella: o seu artigo da-lhe fóros... mas não é de fidalgo.

SR — Apre que o senhor tem muito pello!

SR G. — Não, porque não temos por missão defender o governo. Só se o senhor nos pagar a cerveja allí na venda do canto....

(.) Nota de A. Riancho — Eu já vi... os artigos do meu amigo Bob.

A chegada de D. Vital

Está quasi completa a camarilha. Falta só o bispo do Pará, o incendiari Sr D. Antonio, para não haver que desejar. E por ora ainda não é tarde; quando menos se esperar, D. Antonio ahi está.

Que significa esta reunião de padres vaticanistas na capital do imperio? Qual o seu fim, quaes as suas intenções?

Em Pernambuco, sua diocese, já D. Frei Vital, o ultimo chegado dos intrigantes romanos, patenteou os bons sentimentos de que veio a trasbordar. Lá o disse elle, que estava cada vez mais firme nas suas idéas que

o governo é uma sucia de patifes, e que era preciso enxotar para fóra os maçons e os portuguezes.

Só esqueceu a S. Exc. uma cousa: pedir tambem que sejam enxotados os homens de estado que não forem capazes de decretar o restabelecimento da Mesa do Desembargo para a imprensa, e a pena de deportação para quantos não acreditarem na Agua de Lourdes e nas verdades do Syllabo.

O doce Frei Vital deve saber que, quando se pede, tanto custa pedir muito como pedir pouco.

As idéas de Frei Vital, já sabemos, pois, quaes ellas são. O que resta saber é quaes são as d'aquelles que nos governam.

O desembarque do manso barbadinho pôde dar a medida exacta dos sentimentos de cada um. O Sr ministro da marinha mandou a sua galeota para o trazer de bordo a terra, como se o bispo de Pernambuco fosse um embaixador, representante de potencia soberana. Os outros ministros não mandaram nem galeotas, nem phil-harmonicas, nem sequer um carro.

E' verdade que tal carro não era preciso. A' porta do Arsenal de Marinha estacionava, desde a vespera, um carro com a librê da Casa Imperial.

Quanto aos curiosos, o povo era representado por uma entidade singular: dois *reporters* da imprensa—um do JORNAL e outro da GAZETA.

O povo fluminense continúa a mostrar-se qual na verdade é: indifferente a tudo que não fôr o seu negocio ou a sua commodidade.

O que se afigura extranho é a completa ausencia dos jesuitas de cá.

Comquanto agora o Ai-Jezus das almas catholicas seja Monsenhor Bruschetti, sobre quem chovem mimos e presentes, bastos como nuvens de gafanhotos; ainda assim D. Frei Vital não é nenhum chinello velho, que se atire para o canto. Bem ao contrario: um homem que está sempre disposto a batalhar não é d'estes amigos que se podem perder ás duzias.

A ausencia dos seus amigos da Catholica fez especie a muita gente, e só poderia explicar-se se D. Vital via- jasse incognito.

Desattendido pelos seus, pelo povo, pelo governo — o Sr D. Vital ter-se-hia visto na necessidade de atravessar a cidade nos *bonds* de tostão, se do Paço não tivesse mandado uma traquitana buscal-o.

X

Sem ser muito esperto, nem enfreado em politicas, vê-se claramente que os Srs Bispos ultramontanos onde encontram maior data de sympathias — é nas mais altas regiões do Estado.

D. Vital, por em quanto ainda não se senta nas almofadas de um coche, ao lado da Serenissima Princeza Regente, mas lá chegará ainda.

Primeiro os nuncios de Roma. A seu tempo — os nossos clérigos.

X

Bem é para ensino do povo, que tem andado muito arredo dos seus principios e alheio ás considerações da Santa Religião. Talvez agora com o exemplo de cima...

X

Quem me dera cá o dia em que eu poder dizer: -- Isto não é Brazil, isto é uma sacristia.

M. Sotto.

Fabula Instantanea

O MARIDO LAMBAREIRO

Torcia Anna ao marido a derreçada orelha.

O doce de araçá comera o dromedario, e presente destinado por Anna ao seu vigario. E' justo.

O bom pastor come a melhor ovelha.

M. C.

Visitas e pulgas

SR. REDACTOR.

Dizem que os homens, as mulheres, os gatos e todos os bichos tem seus dias, suas luas e seus mezes. Este, com certeza, é o das pulgas.

Lá vai a razão.

Sou inimigo de visitas; mas no principio do mez tive uma a que não podia fugir. Escovei-me e fui.

Quando voltava sentia taes pruridos pelo corpo que me não deixavam soegar as mãos; chegado a casa, despi-me e passei a examinar as causas de tanta coceira.

Ai, meu caro, não era uma ou duas pulgas, ou mesmo dois casacos, era um enxame, um exercito. Se não fosse a coragem de que me revesti (eu sou homem) tinham dado cabo de mim — Nú, de vella e chinella, com a roupa n'um monte, entrei em combate. Foi uma sanguinolenta batalha! As malditas formavam piquetes e avançavam á carga cerrada para a minha pelle como sceleradas. Eram pulgas assassinas, impudicas, que parte nenhuma do corpo me respeitavam.

No fim de duas horas só restava uma ou outra, meia mutilada, meia côxa, que eu, sem dó, acabava á cbinellada.

Nenhuma teve tempo de fazer testamento.

Sentia-me caçado da victoria. Tomei um grog e fui deitar-me com horror da minha desgraça e do que me poderei acontecer se aquelles inimigos, mais estrategicos, se lembrassem de conservar-se embuscados na minha roupa para me atacarem depois de deitado, a mim, que não gosto de nada que me incomode na cama (não sou casado nem cousa que o valha) e que não posso dormir á mais leve suspeita de bicho perto.

Mas não fica n'isso.

Nova prova, e mais tremenda me estava reservada.

Calculando que fosse praga, como a dos gafanhotos, que tivesse cahido na casa da minha visita, fui, d'ahi a poucos dias, visitar uma senhora do meu conhecimento, que estava doente, e fui desassombrado.

Não lhe digo nada! As pulgas tinham conspirado contra mim. Não pôde haver macaco capaz de imitar a minha gesticulação, quando regressava parecia o diabo a passar-me um pente infernal pelo corpo.

Pensei que tinha chegado o ultimo dia da minha figura. Embarafustar pela casa dentro, accender uma vella e pôr-me qual Adão antes do peccado, foi obra mais rapida do que a nossa transmissião telegraphica.

Principiei a luta no mesmo campo e com as mesmas armas e manobra da primeira.

Quasi succumbi.

A vella apagou-se-me; eu, suado, sem tino, não achava os phosphoros; os inimigos assaltavam-me as pernas, não como pulgas, mas como cães damnados, como tigres!... (damnados tambem).

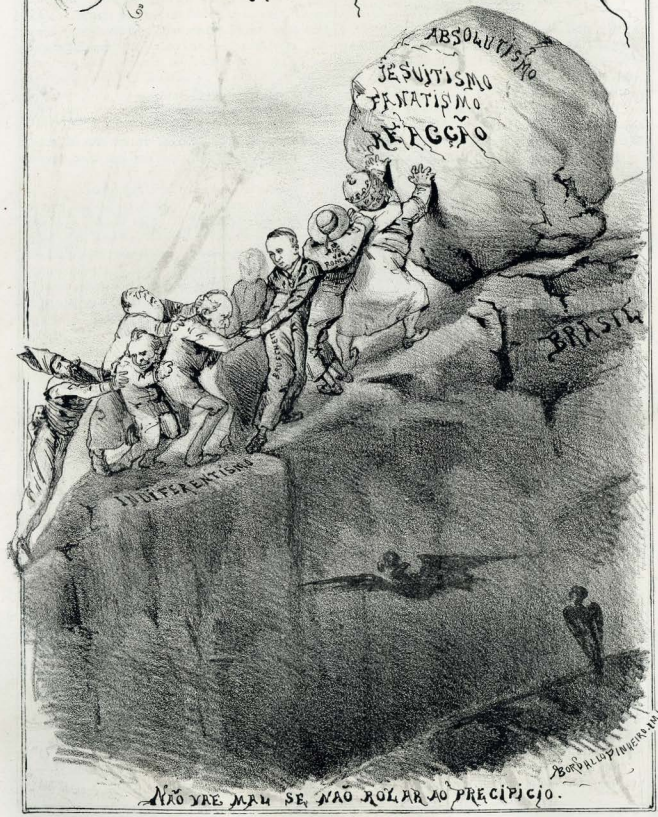
Era chegada «a minha fim».

Lembrei-me de apitar por soccorro, mas tive medo da policia.

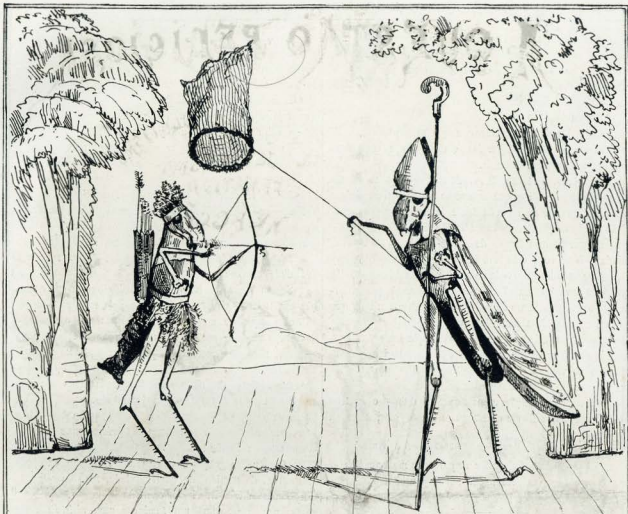
Emfim, sempre encontrei os *Jodo-com-pingos* e, depois de supremos esforços, consegui anniquillar quem tinha jurado a minha morte.

Escangallei o relógio e examinei-lhe a machina, rasguei as botas, metti a roupa n'uma bacia d'agua, e anda assim

A QUESTÃO RELIGIOSA



NÃO VRE MAU SE NÃO ROLAR AO PRECÍPIO.



ESTA É QUE É A QUESTÃO



não podia socegar com receio de que alguma pulga mais sagaz se houvesse refugiado para prevenir as companheiras ausentes. Examinei fresta por fresta, canto por canto, e, extenuado, fui deitar-me.

Não podia dormir.

Levantei-me.

Reflecti então nos perigos a que se expõe quem faz visitas sem primeiro indagar das autoridades se ha pulgas nas casas a que se precisa ir.

Peço-lhes, portanto, Sr. redactor, como bom guarda que é do bem publico, que aconselhe a quem tiver pulgas em casa, que use da herva de Santa Maria, da herva de S. João, da agua quente, do incendio, do diabo.

Ninguém tem o direito de expôr a vida... a vida... a vida se fosse só a vida!... a pelle do proximo.

Estar-nos-ha reservada a substituição da febre amarella por esta nova epidemia? Os Srs. ministros, e particularmente o Sr. conselheiro José Bento, que pensem n'isso, que consultem o Dr. Maximiano Marques de Carvalho e que não reservem as providencias para depois dos desastres.

O caso é serio, Sr. redactor, e V. prestará assignaladissimo serviço á humanidade reclamando providencias valentes, contra tão eminentes desgraças.

Deixemos as eleições e os honcettis e todos os outros males que nos affligem e perseguem, para só gritarmos: fogo nas pulgas!

AMBROZIO ENGANATRES

*Fabricante de pós para matar pulgas
actualmente em disponibilidade.*

Uma regencia modelo

Nicolas Bassi é um grande regente de orchestra.

Todos o admiram, — todos se curvam diante do seu grande genio!

Para ser regente não bastam os estudos aturados, nas aulas de um conservatorio de musica, é necessario ter, como vulgarmente se diz, dedo para a obra!

Para ser um bom regente, além do talento, do saber e da pratica, é necessario ter brio, ser justo e sobretudo possuir uma diplomacia machiavellica.

A regencia tem um pé na mão, com que commanda as massas e que se chama batuta; se porém esse pé, — longo de servir para indicar o compasso e exprimir os effeitos de colorido, — fôr empregado para dar *cardos*, para a direita e para esquerda, sem coherencia, dignidade e justiça; a batuta, em lugar de ser uma insignia de superioridade, ficará apenas sendo um *arrocho*, um *capô*, um *cajado de marmelleiro*, com que se escovam as costas do povo da orchestra e que não precisa ser polido nem torneado; mas a que basta ser rijo, flexivel e pesado!

Logo que uma regencia transforma a insignia de commando em ipé, para ir ao lombo dos *regidos*, pôde muito bem dar em resultado uma sublevação no povo instrumental; e com ella fica arriscada a cadeira da regencia a cair do estrado a baixo, que por pouco alto que seja, sempre tem a altura sufficiente para que quem d'elle cair possa fazer um *galo* na testa.

Nicolas Bassi é um grande regente, porque acode imparcialmente e sem excepção a todas as necessidades da republica.

Indica as entradas ao tenor, á *prima donna*, ao barytono e ao baixo profundo; olha pelos diferentes ternos de cores, ainda no acabamento da orchestra, em tudo pensa, em tudo se occupa e de ninguém se esquece.

D'ahi nasce naturalmente a união, o *ensemble* e a felicidade do seu reino.

Se em lugar de Nico's Bassi distribuir a sua attenção por todos, — tivesse preferencias pelo soprano — desse *entradas especiaes* ao contrato — esquecesse o tenor e sobretudo abandonasse os côros que representam o povo — seria, não um regente constitucional, mas sim um monarcha faccioso, que no systema constitucional que é o governo da arte, era nada mais nem nada menos de que um regente que faltava ao seu juramento.

Nicolas Bassi é igual para todos que estão sob o seu dominio desde a aristocratica *prima-donna* até ao democratico *zabumba*!

Distribue as graças e as reprehensões, sem excepção de pessoa, de partido, de nacionalidade, nem de religião.

Tanto estima Bassi um *cornetim* e uma *trompa*, por serem nacionaes, como um *tambor* e uma *violeta* por ser estrangeira. Tanto acolhe de braços abertos o *flautim*, se fôr catholico; como o *trombone*, se fôr mahometano!

Bassi é, pois, o modelo dos monarchas, e é o exemplo vivo e insinuante de uma regencia exemplar.

Severo, justo, bom, affavel e imparcial para com todos.

Todos os artistas são seus filhos, mas nenhum d'elles *filho predilecto*.

Bassi estima a todos, que estão sob a sua regencia, mas não seria capaz de agarrar, por exemplo, no fagote, que é um artista distincto, e andar a passear com elle no seu carro ahí pelas ruas do Rio de Janeiro.

E' por isso que se pôde dizer: ha regencias e ha regencias!!

SERRA.

C'est la fa... talté!

Ai! elles eram tantos! e animados de tão boas intenções, que nem candidatos em epochas eleitoraes! E havia de tudo! Ricos, sabios, nacionaes, estrangeiros, pobres

de dinheiro e de espirito, poetas e homens practicos, fidalgos e republicanos! E vae, juntaram-se todos, e pegaram da questão de saneamento da cidade, e, depois de um exorço heroico, revelado por algumas duzias de discursos... deixaram-a estar onde estava!

Não! elles sempre fizeram alguma cou-à! Até aqui, o responsavel por tudo era só o governo, agora somos nós todos. Até aqui, tinhamos ao menos o recurso de protestar; agora, é metter a viola no sacco!

Ah! dirá o governo, vocês diziam que nós só serviamos para nomear commissões, pois vocês servem para fazer discursos!

..

ão os fins da sociedade de saneamento, fazer conferencias, publicar um jornal, para ser distribuido gratuitamente, ensinando as regras de hygiene, pedir ao governo umas tantas cousas, que toda a gente anda a pedir-lhe ha sete annos, e elle a fingir que não ouve; nomear commissões para andar por ahi a pedir...

Este ponto é o mais importante. Imagine-se, por exemplo, o nobre Sr Barão do Cattete, *todo parfumé et ganté*, de flôr na *boutonniere*, a pedir ao vendeiro da esquina que lave os pés, ao menos uma vez cada mez, o que talvez elle se decida a fazer.... na pipa do vinho.

Ou então o mellifluo Sr. commendador Azevedo a pedir á gente *dos cortiços* que não morem mais de dez em cada quarto, ao que elles hão de responder que estão promptos a fazer a vontade a um senhor que pede com tão bons modos, se esse senhor lhes pagar a differença de.... custas.

..

Ora agora, como é possível que não pegue a praga de uma ave de máo agouro que por lá andava a pedir um vidro de bocca larga para guardar aquelle fetó, lembramos aos iniciadores da idéa, que tenham muito cuidadinho com a nomeação d'essas commissões de pedintes. Isto de pedir, é cousa para que nem todos têm geito, e se entrarem para esse serviço aquelles amaveis cavalheiros que patearam os republicanos, quando forem com aquellas attenciosas maneiras pedir a adopção de medidas hygienicas, é muito provavel que encontrem quem lhes dé alguma.... sóva de péu.

E, aqui entre nós, talvez não fosse mal empregada. Quer-nos parecer que não tiveram muita razão os senhores que entenderam que a sociedade, por ser popular, não devia ter ido pedir a protecção da Serenissima Princeza; se se tratava de fazer bem a todos, não ha motivo para privar a Familia Imperial do prazer de contribuir para esse bem; mas, enfim, ao cabo de tres horas de discursos, bem se podia gastar mais alguns minutos para convencer aquelles senhores de que não

tinham fundamento os seus escrupulos. Mas, dar-lhe vaias! pateal-os!... por uma opinião!.....

Requeremos á sociedade que destine um dos numeros do seu jornal a conselhos de hygiene moral e social, para uso dos pateadores.

Bem fez o *Jornal do Commercio*, que não foi lá! Pois uma sociedade ha de atrever-se a querer fazer cousas que pertencem ao governo! Que desfeita! Aquillo cheirou-lhe a *republica*, e elle é governista.... sempre governista! Ha de morrer governista, ainda que o governo seja republicano.

Ai! commendador Leonardo, o que eu te queria era o juizo!

Longe de nós a idéa de pôr em duvida as boas intenções dos iniciadores da associação; mas ha por ahi más linguas—ao que anda a gente exposta—que dizem que não pôde ter tenção de acabar com a febre amarella uma sociedade em que tem tantos medicos. Calumnias! pois a molestia ataca quasi exclusivamente os colonos recémchegados e a arvore das patacas já se mudou do Largo do Paço! E' verdade que ultimamente já ella deitava as manguinhas de fóra; não escolhia muito as victimas, e ia-se tornando melhorzinha.

Nós, porém, o povinho, sempre desejavamos que a sociedade fosse além; porque sanear a cidade era matar de uma cajadada dois coelhos; livrava-se a gente da febre e dos doutores.

Porque emfim todos os doentes têm pejo bastante para fazerem como aquelles tres do Sr Dr Torres Homem, que puzeram pés á parede e recusaram engulir drogas, do que resultou ficarem todos tres livres.

De todas as estatisticas de febre amarella que temos visto, inclusive as dos homoeopaths, é a unica que dá cento por cento de curas!

O que tem mais graça é a ingenuidade do illustado professor (chapa n. 3025) que se admira de terem elles ficado bons, sem tomar remedio!

Ora, Dr, deixe-se de modestias! Então não sabe que foi por isso mesmo!

SERRA.

Fabula instantanea

LUA DE MEL

Casa-se Gil. Na noute da funcção sabe que foi trahido e em furor se abrazia: mata a mulher... e vai pra a Correccção.

Quem casa quer casa.

F. D'ALMEIDA.

THEATRO DE S. LUIS. OS ENCEITADOS

